

## NO FIM, A ESPERANÇA:

Uma leitura de Daniel 12,1-4,  
num contexto beligerante.

## IN THE END, HOPE:

A Reading of Daniel 12,1-4,  
in a belligerent context

*Antônio Carlos Frizzo e estudantes\**

### Resumo:

O artigo busca refletir o sentido da esperança em um tempo de perseguição. Entre tantos impérios que dominaram a região da Palestina, por sua posição geopolítica, nenhum foi tão truculento ameaçador como o Império Grego. Propor a leitura da inquietante perícopes de Dn 12,1-4, considerando o conjunto do livro e seu contexto histórico, será possível ao leitor compreender o valor real da mensagem do profeta Daniel àquelas comunidades que ousaram desafiar o império, na certeza de que, ontem, como hoje, lucidez, determinação e perseverança são capazes de corroer sistemas dominantes e apresentar o novo na história.

**Palavras chaves:** Esperança, dominação, Império Grego, literatura apocalíptica, Daniel.

### Abstract:

This article aims to reflect the sense of hope in a time of persecution. Among the many empires that dominated the region of Palestine by its geopolitical position, none was as truculent as the threatening Greek Empire. The suggested reading of the disturbing pericope of Dn 12.1 to 4, considering the entire book and its historical context, will enable the

\* Este artigo é o resultado de estudo feito pelos alunos: Alisson Paulo Alves Gomes, José Miguel Portillo, Leandro Santos de Carvalho, Manuel Valencia Perdomo e Tailer Douglas Ferreira sob a supervisão do professor Antônio Carlos Frizzo.

reader to understand the real value of prophet Daniel's message to those communities which have dared to challenge the empire, assured that yesterday, as today, lucidity, determination and perseverance are able to erode dominant systems and present the new in history.

**Keywords:** Hope, domination, Greek Empire, apocalyptic literature, Daniel.

## Introdução

O livro de Daniel (*Deus julga*) é considerado o texto apocalíptico de maior expressão do Antigo Testamento e, certamente, recebe esse nome por conta de um dos seus temas centrais: o julgamento dos impérios por Deus. *As constantes referências a Antíoco IV Epífanes, nos levam a afirmar que, com grande probabilidade, o livro foi composto, se não na totalidade, pelo menos em sua maior parte, entre os anos 175-164 a.C.*<sup>1</sup> E o período da dominação helênica que começara com Alexandre Magno, em 333 a.C. e que depois de sua morte ficou dividida entre seus generais Cassandro (Grécia), Lisímaco (Trácia e Ásia Menor), Ptolomeu (Egito e Palestina) e Seleuco (Síria, Babilônia e Pérsia). Ao longo desses anos, o controle da região da Palestina foi constantemente disputado entre Ptolomeus e Selêucidas, dada sua posição geográfica, unindo o Norte ao Sul; um corredor de suma importância nas rotas comerciais.

Além do abusivo controle econômico através de uma política pautada no livre comércio e no acúmulo de riquezas (cf. Ecl 6,1-2), o processo de helenização afetou profundamente a cultura e a religiosidade de Israel. Em meados de 171 a.C., o referido Antíoco IV, da dinastia dos Selêucidas, chegou a proibir o culto e as práticas religiosas judaicas, substituindo-as por festas e cultos aos deuses gregos e construindo um altar a Júpiter Olímpico dentro do templo (cf. Dn 11; 1Mc 1,10-11).<sup>2</sup> Tal situação fez insurgir diferentes movimentos de resistência como o dos Macabeus e o do próprio Daniel. A diferença é que enquanto os Macabeus foram à luta armada, a comunidade de Daniel assumiu uma perspectiva menos beligerante, caracterizada pela não violência, diante do poderoso e treinado exército.

Realçam-se as diferentes etapas redacionais empreendidas, pois o livro de Daniel não foi obra de um só autor. O fato de ter sido escrito em hebraico (1,1-2,4a e 8,1-12,13) e aramaico (2,4b-7,28) é uma das provas mais claras disso, além de outras diferenças narrativas e até mesmo de conteúdo.

<sup>1</sup> J. A. KAEFER, Bem-aventurado aquele que perseverar (Dn 12,12): uma introdução ao livro de Daniel. *Em RIBLA* 52, (2005) p. 163.

<sup>2</sup> Cf. *Idem*, p. 167.

A estrutura do livro, por sua vez, pode orientar-se por essa diferença idiomática, de modo a encontrarmos uma nítida divisão em três blocos:<sup>3</sup>

- I. Introdução (hebraico): 1,1–2,4a;
- II. Bloco principal (aramaico): 2,4b–7,28;
- III. Ampliações (hebraico): 8,1–12,13.

Ao reunir relatos, visões, sonhos, contos populares e revelações, o livro de Daniel foi, ao final, um grande alimentador de esperanças frente às situações de opressão e morte. Destarte, ao lermos Dn 12,1-4, nosso objetivo será perscrutar no texto tais ideias que optamos chamá-las de *projetos de esperança*, que ainda são capazes de iluminar nossa realidade e fazer-nos sonhar-realizar o Reinado de Deus!

## 2. *E os justos brilharão para todo o sempre: Daniel 12,1-4.*

### 2.1. O texto

Daniel 12,1-4 está inserido no conjunto de visões mais claramente apocalípticas que começam no capítulo 7 e se estendem até o final do capítulo 12.<sup>4</sup> É parte de uma visão maior (Dn 11,40–12,13) intitulada, em algumas versões bíblicas, de *O tempo do fim*. Enquanto Dn 1,40-45 retrata o fim do perseguidor; Dn 12,5-13, a segunda visão do homem vestido de linho. Dn 12,1-4 apresenta a intervenção do anjo de Deus em favor do seu povo e anuncia a ressurreição dos mortos.<sup>5</sup> Tal delimitação da perícopes é o que nos permite tomá-la como unidade de sentido para nosso estudo. Aproximemo-nos da narrativa:<sup>6</sup>

- 1,<sup>a</sup> *E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe*
- 1,<sup>b</sup> *que permanece junto dos filhos do teu povo.*
- 1,<sup>c</sup> *E será um tempo de aflição.*
- 1,<sup>d</sup> *que nunca sucedeu desde o existir do povo até aquele tempo.*
- 1,<sup>e</sup> *E naquele tempo escapará com vida teu povo*
- 1,<sup>f</sup> *todos os que se encontrarem inscritos no livro.*
- 2,<sup>a</sup> *E muitos dos que estão dormidos no pó da terra*
- 2,<sup>b</sup> *serão despertados, uns para a vida eterna*
- 2,<sup>c</sup> *e outros para as ignomínias, para o opróbrio eterno.*
- 3,<sup>a</sup> *E os que são entendidos brilharão como brilha o firmamento*
- 3,<sup>b</sup> *E os justos que ensinam a justiça como estrelas para todo o sempre.*

<sup>3</sup> Cf. H. NIEHR, O livro de Daniel. In: E. ZENGER (org.), *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 449-460. Aqui não se considerou os capítulos 13 e 14, escritos em grego, e acrescentados posteriormente ao texto em hebraico/ aramaico.

<sup>4</sup> Cf. A. KAEFER, *Bem-aventurado aquele que perseverar* (Dn 12,12), op. cit., p. 165.

<sup>5</sup> Cf. T. ROMER; J. MACCHI; C. NIHAN(orgs.). *Antigo Testamento*. História, Escritura e Teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2010, pp. 688-700.

<sup>6</sup> Optamos por uma tradução mais livre, no desejo de compreender e analisar o conteúdo da narrativa. Para a tradução consideramos o arcabouço lexical disponível em: L. A. SCHÖKEL, *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

4,<sup>a</sup> E quanto a ti, Daniel, registra estas palavras  
4,<sup>b</sup> e sela em segredo no livro até o tempo do fim.  
4,<sup>c</sup> Muitos serão ferinamente açoitados e lhes aumentará o conhecimento

<sup>7</sup> H. NIEHR, em *O Livro de Daniel*, *O livro de Daniel evita o nome de Deus Javé (comprovado só em 9,2.4.13s). Em lugar dele encontra-se a designação Deus/Senhor / Rei do céu (2,18. 19.37.44; 4,34; 5,23). Com essa denominação (...), Javé ultrapassa sua limitação à religião judaico-israelita e se torna o Deus universal, cujo domínio substitui os impérios de todos os poderosos terrenos.* Cf. E. ZENGER (org.), *Introdução ao Antigo Testamento*, op. cit., p. 455.

<sup>8</sup> Na linha da interpretação profética, o *dia de Javé* é um dia de ira, de cólera contra a elite governante de Israel corrompida (cf. Os 4,1-3), mergulhada em injustiças (cf. Am 2,6-8; Mq 3,1-3) e infidelidades (cf. Am 2,4-5; Sf 1,4-6). Há que se salientar, no entanto, que a destruição, aqui sinalizada, não configura-se simplesmente numa reação irada de Javé contra Israel, mas é antes um processo de auto-destruição, do qual o próprio povo é o principal agente causador.

## 2.2. Conhecendo a narrativa

O Livro de Daniel é uma literatura apocalíptica por excelência do Antigo Testamento. No início do texto, o autor retoma a ideia do *tempo do Fim* (*ēḥqēš*), recorrente ao longo do livro (cf. 7, 26; 8, 17. 19; 9,26-27; 10, 14; 11,10; 12, 4.9.13). O substantivo *qēš*, ainda que implícito nesse primeiro versículo, era usado num contexto de julgamento. Encontramos em Gn 6,13, por exemplo, que Deus dá cabo a toda carne. Ezequiel fala do fim de Israel (Ez 7,2-3) e Isaías anuncia o reino do Messias que não terá fim (Is 9,7). Aqui o *tempo do Fim* evoca não a destruição de Israel, mas a crise última do império do Mal, o fim do perseguidor, a realização da promessa do Deus do céu<sup>7</sup> que guia a história de seu povo.

Nesse *tempo do Fim*, continua o texto, se levantará Miguel (*y<sup>a</sup>modh mīkhâ'ēl*). Miguel (*Quem como Deus?*) foi o nome atribuído ao anjo de Javé que se opôs a Satã, em Zc 3,1-2. No Antigo Testamento, esse nome aparece apenas em Dn10,13.21; 12,1, sendo referido como *um dos primeiros príncipes* e o *grande príncipe* – alusão ao *Príncipe do reino da Pérsia* que, por sua vez, implica na concepção de um anjo da guarda para cada nação. Na tradição judaica, Miguel é esse espírito celeste que vela pelos judeus, que permanece junto dos filhos do povo (*hâ'ōmēdh 'al b'nē 'ammekhâ*), e os protege (cf. Ex 23,20). No Novo Testamento o termo é menos recorrente. Encontramos uma ligeira referência em Jd 9 numa disputa com Satanás pelo corpo de Moisés e, em Ap 12,7, guerreando com seus anjos contra o Dragão; cenas que reforçam essa sua característica protetora, guardiã, defensora do povo.

No v. 1, o autor insiste na ideia do *tempo do Fim* apresentando que é uma de suas características: será um tempo de aflição (*'ēḥtsârâh*). O termo *tsârâh* indica uma grande agitação no íntimo (cf. Sl 25,17) e descreve a aflição de um povo sitiado pelo inimigo, que vê aproximar-se um exército destruidor (cf. Jr 6,24). Tal aflição pode ser comparada à dor da mulher ao dar à luz (cf. Jr 4,31) e define o tipo de tempo em que Judá sofre o mais duro castigo por violar a aliança (cf. Jr 30,7; Sl 78,49). Nesse sentido, parece-nos possível, aqui, dialogar com a ideia do *dia de Javé* (*yôm YHVH*) formulada pela tradição profética pré-exílica.<sup>8</sup>

Contudo, mesmo diante da iminente aflição, o autor, relendo momentos da história, alimenta a esperança do povo: *E naquele tempo escapará com vida teu povo... (yimmâlêṭ 'amm<sup>e</sup>khâ)*. Aqui traduzimos o verbo *mlṭ* por escapar com vida, mas também é possível aplicar-lhe o sentido de salvar, livrar. Ora, para o tempo do Fim está reservada a salvação do povo. Mas, quem é este povo? Os inscritos no livro (*kâthûb baṣṣēpher*), diz o autor. A ideia do livro dos predestinados ou livro da Vida, que aparece em outras passagens da Escritura (cf. Ex 32,32-33; Sl 69,29; 139,16; Is 4,3; Lc 10,20; Ap 20,12) é aqui retomada e expressa o imaginário bíblico de um registro celeste, no qual Deus relaciona aqueles que lhe pertencem.

A partir do v. 2 o autor referencia o tema da ressurreição. O termo *miyy<sup>e</sup>shēnê* (que estão dormidos), derivado de *sh<sup>e</sup>nâth* (sono), é um eufemismo nítido para designar os que já morreram (cf. Sl 13,3). Tal ideia é reforçada pela expressão que segue *'admath<sup>~</sup>âphâr* (pó da terra). De fato, o ser humano, no corpo físico, foi formado pelo pó e, com sua morte, a este pó voltará (cf. Gn 3,19; Ecl 3,20; 12,7; Jó 4,19; 8,19; 10,9; Sl 104,29). Por conta disso, algumas vezes o termo *pó* pode significar também a sepultura (cf. Jó 7,21; 17,16; 40,13; Sl 22,29; Is 26,19).

Os mortos serão despertados (*yâqîtsû*), no sentido de despertar dentre os mortos, ressuscitar (cf. 2 Rs 4,31; Jó 14,12; Is 26,19). O verbo no imperfeito *hifil* indica uma ação causativa, no futuro, que envolve uma terceira pessoa. É, portanto, o próprio Deus o agente desse despertar. No entanto, o fim não será igual para todos. Uns despertarão para a vida eterna (*l<sup>e</sup>hayyê 'ôlâm*), outros para opróbrio eterno (*l<sup>e</sup>dhir'ôn 'ôlâm*). Oportuno perceber que em Daniel a ressurreição precede o julgamento de separação e o paralelismo antitético não opõe vida eterna gloriosa / vida eterna desonrosa, mas vida eterna / opróbrio eterno.<sup>9</sup>

Como todo o corpo de Dn 8–12, os dois versículos finais de nossa perícopé configuram-se como um relato autobiográfico. No texto, é ressaltada a figura dos instruídos (*maskîlîm*).<sup>10</sup> Aqui tomaremos a expressão para significar a função de receber, entender e interpretar de modo correto a mensagem de Deus. Sobre isto Daniel nos dá provas suficientes de que é capaz dessa missão (cf. Dn 1–6). Convém neste momento conceder absoluta autoridade ao que é revelado (cf. Dn 7–12).

Todo anúncio é feito em um clima apocalíptico, e esboça o cenário do *tempo do Fim*. A prerrogativa literária salvaguarda

<sup>9</sup> Cf. L. A. SCHÖKEL; J. L. SICRE DIAZ, *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2011, pp. 1338-1339.

<sup>10</sup> Este termo pode servir para identificar os sábios do templo. *Provavelmente estes homens esclarecidos formam o grupo de sábios, escribas e entendidos que compilaram os textos hebraicos de Daniel (1,4; 17,8-25; 9,13-22; 11,33-35; 12,5-10) cf. NOVA BÍBLIA PASTORAL, 2014, p. 1106. Em outra interpretação, o redator final de Daniel deveria ser também um maskîl. Certamente pertencia ao grupo dos hassidim ou hassideus (literalmente, os piedosos), que se uniram à resistência organizada por Matatias e Judas Macabeu (cf. 1Mc, 2, 42) sem, entretanto, se enfeudar à sua política (cf. 1Mc 7,13). Esse grupo se caracteriza por seu apego à Torá e ao culto, porém, se interessa pouco pela política ou pela esperança de um messias.*

os mistérios e segredos da revelação divina e sobre a história do mundo e seu acabamento. Concomitante a estes acontecimentos serão reconhecidos os que praticaram e ensinaram a justiça (*ûmatsddîqê*) (cf. Dn 12,3), e a eles é reservado um prêmio: resplandecer como as estrelas do firmamento.

Pertence à cultura judaica uma ênfase às estrelas; elas foram criadas por Deus para iluminar a terra e calcular o tempo (cf. Gn 1,16; Sl 8,4; 136,9; Jr 31,35). São absolutas na altura do firmamento e somente estão abaixo do trono de Deus. A insistente tendência humana de chegar às alturas da divindade é condenável, entretanto também é prêmio para os que ensinam a justiça. Em Daniel, essa expressão parece apontar para uma experiência de salvação messiânica e/ou fidelidade à Torá apesar da perseguição.

Em contraposição à ideia da ressurreição nacional, Dn 12,3ab indica a crença na ressurreição individual. Talvez seja a primeira confirmação dessa crença como a recompensa final (cf. Dn 12,13). A vida eterna junto com os justos e mártires (cf. Mq. 2,5; Sl 1,5), a esperança de Israel, sustentada pela profecia “brilharão como estrelas no firmamento”, contrasta com a morte vergonhosa dos malvados (cf. Is 66,24; Ap 2,11-20; 6,14; 21,8). Certamente a crença se impõe pela necessária conciliação do martírio com a teologia da retribuição.

O gênero literário é o da *apocalíptica histórica* com suas características próprias: pseudonímia,<sup>11</sup> revelação do segredo divino, intervenção do anjo de Deus. Como já dito anteriormente, é a missão de Daniel que transparece no texto. Como *maskilîm* deve registrar e guardar em segredo a mensagem de Javé (*šetôm haddêbârim vahâtôm hasşêpher*). De modo que no tempo do Fim os que a examinarem cresçam em experiência (*vêtirbbeh haddâ'at*). Verbo e substantivo se complementam e selam a esperança proposta no fim.

Optamos em traduzir *haddâ'at* pelo sinônimo: experiência ou conhecimento. Para o israelita, só se conhece com o coração. Não há uma distinção entre razão e emoção. Esta caracterização é uma ideia que mais parece propriamente familiar à filosofia ocidental racionalista. A concepção hebraica de conhecimento está ligada intimamente com a experiência. Deste modo, conhecer é o que, para nós, se nomeia por sentir.

No texto, os que forem adeptos das palavras de Deus, ou que experimentarem o segredo da relação pela palavra registrada no livro, lhes será aumentado o conhecimento. A unidade entre os dois conceitos introduz o tema do autoco-

<sup>11</sup> O procedimento da pseudonímia – outra característica dos apocalipses – é utilizado com este objetivo: atribuir as visões a um sábio do passado permite não só dar ao livro uma grande autoridade e conferir ao seu ensinamento um alcance tradicional, mas também abarcar a história por um longo período, anunciando o seu fim: o anúncio de uma série de acontecimentos conhecidos do leitor e sua interpretação permite dar crédito à esperança proposta no fim. T. ROMER; J. MACCHI; C. NIHAN (orgs.). *Antigo Testamento*, op. cit., pp. 696-697.

nhecimento de si para conhecer a Javé, pois ele nos conhece mediante o comportamento (cf. Sl 94,11; 139,1). Os que possuem conhecimento de algo são familiarizados com isto. Conhecer implica em ter habilidade, qualificação do sábio, os que são experimentados em viver (cf. Dn 1,4; Sl 73,22; 82,5; Pr 1,4; 2,6; Ecl 1,18;).

O projeto existencial do texto de Daniel é conduzir aos judeus perseguidos na esperança da salvação. O conhecimento é, pelo menos, o início da satisfação de um desejo, neste caso de libertação. As palavras do Deus do céu são consoladoras e reafirmam a sua proximidade.<sup>12</sup> É através do conhecer a Deus que se chega à experiência d'Ele. Essas ferramentas são basilares na experiência religiosa do Antigo Testamento. No texto em questão os que esperam o cumprimento da profecia sofrerão açoitamentos, mas seu conhecimento/experiência aumentará.

### 2.3. Proposta de uma estrutura literária

A perícopé começa com a apresentação da figura de Miguel, bem como sua atuação junto ao povo (v. 1abc). Em seguida, um tempo de aflição é anunciado (v. 1de). Os temas da libertação do povo e da ressurreição dos mortos são centrais e não deixam de ser uma chave de interpretação à toda narrativa, composta em forma de quiasmo (v. 1fg-2). Segue a caracterização do tempo escatológico que se há de instaurar (v. 3) e, por fim, a conclusão da visão com a atuação de Daniel (v. 4).

Destarte, propomos a seguinte estrutura:

- A. Introdução: a missão de Miguel (v.1abc);
- B. O tempo histórico de aflição (v. 1de);
- C. Libertação do povo e ressurreição dos mortos (vv. 1fg-2);
- B'. O tempo escatológico de resplendor (v. 3);
- A'. Conclusão: a missão de Daniel (v. 4);

De posse de uma compreensão estrutural, feita após a análise semântica na narrativa, é possível buscar o alcance da mensagem de Daniel por meio de uma análise do contexto social, que de certo modo, justifica o uso do gênero apocalíptico imposto pelo autor.

<sup>12</sup> *Essa pregação de consolo utiliza material mais antigo e um simbolismo predefinido (p. ex., de animais, metais, ou signos do zodíaco, ou ainda a ideia de que o curso da história pode ser calculado). Nisso se recorre a certas formas estilísticas do profetismo: como Ezequiel; Daniel cai desmaiado por ocasião de uma experiência visionária.* A. H. J. GUNNEWEG, *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 339.

### 3. O universo social de Daniel 12,1-4

<sup>13</sup> R. R. SILVA, Mo(vi)mentos entre a imaginária da opressão e o imaginário da esperança: uma leitura do livro de Daniel. Em *RIBLA* 39 (2001) pp. 82-100.

De acordo com Rafael Silva,<sup>13</sup> a marca da literatura apocalíptica é sua historicidade. Isto é, significa que as imagens e representações são produto de uma comunidade situada. Segundo ele, tanto o trabalho hermenêutico do receptor (ler, escutar, refletir, discutir e interpretar) quanto o produto do mesmo estão situados num contexto sócio-histórico-cultural específico. Sendo assim, não se pode entender um texto apocalíptico fora do contexto social de sua produção.

Destarte, a leitura e exegese de um texto essencialmente apocalíptico, como o de Dn 12,1-4, que leve em conta o contexto sociocultural, tem que ser uma leitura e análise que abra o leque de possibilidades e intermediações entre as várias instâncias que abordam e apresentam a realidade. Ou seja, nessas circunstâncias o inimaginável ou não expresso pode ser pensado como uma hipótese de leitura do cotidiano, mesmo sabendo que as imagens e os discursos sobre o real não expressam fielmente a realidade como tal, contudo, dizem algo. Nosso intento agora é tentar perceber o universo no qual a perícopes de Dn 12,1-4 está inserida, no território que estabelece o limite entre o real e o imaginário da criatividade exegética.

No livro de Daniel, original do século II, não é impossível perceber que foram anos difíceis para serem superados, *de grandes apertos, tais como jamais houve* (Dn 12,1). Há uma forte perseguição e um projeto político-econômico que busca mais e mais abafar qualquer alternativa de articulação dos grupos oprimidos por este projeto. O império não só domina econômica e politicamente o povo, mas mata qualquer possibilidade deste sonhar. O livro de Daniel e outros dentro desta literatura elaboraram seu caminho de resistência, lutas e utopias.

Já na época das conquistas de Alexandre Magno, a cosmovisão de mundo havia se alargado. A língua grega tornou-se dominante; a filosofia e o modo de pensar grego foram aos poucos penetrando, também, na cultura judaica.

Do ponto de vista econômico, a grande novidade trazida pelos gregos era o comércio de bens e de escravos. Afinal, por que matar se eu posso vender? Gente se tornaria mercadoria cotidiana. Contudo, no imaginário das comunidades que resistem a esse processo de invasão se delineia a esperança na busca de dignidade, da prática da justiça e solidariedade e recuperação da identidade. Desta forma, as comunidades poderiam caminhar na certeza da vitória e na derrocada dos tiranos e poderosos, sejam eles quais fossem.

Na perspectiva social, uma grande marca dos projetos de esperança das comunidades apocalípticas reside no ato de ironizar o poder. Em tempos em que eram reforçados o domínio e a pesada política agrícola sobre os camponeses e as aldeias, o que não se podia era perder a esperança. No entanto, esses deviam primeiro, sustentar as cidades, através de taxas e impostos, prover a rede comercial e, só depois, pensar na própria sobrevivência.

Ora, seja qual império fosse, por mais forte e destemido que pudesse parecer, um dia haveria de ter um fim. A ideia que precisava se fazer conhecida, divulgada no interior dos grupos dominados era a de que só a espera e a força em Deus seriam capazes de destruir o grande poder tirano e opressor. Apesar de todos os problemas sociais existentes, a mensagem deste livro orienta a comunidade, que de vez em quando pode se sentir perdida e derrotada, a se fortalecer e enfrentar os desmandos do império.

Nesse sentido, numa dimensão política, o povo clamava o fim da dolorosa e humilhante situação instaurada pelos generais selêucidas, dos quais, como já visto, Antíoco IV Epífanes foi o mais truculento. Eram tempos difíceis para grande parte do povo. Se houvesse a iminência de revoltas contra o general, aconteciam perseguições políticas e repressões aos que eram contra o regime imposto. Contudo, as forças de resistências ainda conseguiam vislumbrar possíveis saídas. Guardava-se uma esperança viva no coração, mesmo diante de tanta violência e repressão. As leis eram cumpridas apenas em cima dos mais fracos e oprimidos. Se existiam conflitos de poder, estes eram mais acentuados entre os generais selêucidas e os ptolomeus, que disputavam a hegemonia e controle da região.

A história imperialista de Antíoco IV Epífanes não apaga a fé dos que mais sofrem, principalmente dos mais esclarecidos e perseverantes, de que um dia todo sofrimento será superado. A ideologia que subjaz ao texto acena o fim do imperialismo reinante. Derrotado o imperialismo, instaurar-se-ia historicamente a vontade divina como formulação política e econômica justa, fraterna e igualitária. Dele participariam todos os justos, fiéis ao projeto de Deus, pois a *desgraça de alguns desses homens esclarecidos servirá para purificar, lavar e alvejar, até que chegue o fim, pois o praz está marcado* (Dn 11,35). Mas dele são excluídos todos os injustos, ou seja, os imperialistas e os colaboradores do Império. Assim, não basta que o inimigo seja derrotado e destruído. O último ato é a instauração dos desejos daqueles que são merecedores da

*vida eterna* (2b). Esse discurso ideológico-religioso justifica Deus do lado dos mais fracos, não do lado dos poderosos.

Com base nesse olhar sobre a macroestrutura exposta na perícopes de Dn 12,1-4, buscamos recolher a mensagem teológica capaz de impulsionar a construção de uma outra realidade, uma outra história a partir dos grupos vitimados pelo Império.

#### 4. Sonhos que nutrem realidades: A catequese de Daniel 12,1-4

Os capítulos 10-12 constituem o grande final do livro de Daniel. Historicamente, estamos próximos à morte do opressor. Surgem as faces dos mártires. De modo explícito, pela primeira vez no Antigo Testamento, surge a referência à ressurreição dos mortos;<sup>14</sup> e é a primeira confirmação de uma crença na ressurreição. Certamente ela se impôs pela necessidade de conciliar o fato do martírio com a teologia da retribuição. Já neste final do apocalipse, o autor insere um oráculo, que é fruto de uma montagem da história. Podemos dizer que este oráculo constitui o ponto alto do livro.

É notória a aquisição de uma forma poética do texto. O poder dos homens e o domínio terrestre são deixados de lado, porque aparece Miguel, o Príncipe supremo, o chefe do exército de Deus e patrono do povo, ele é quem preside a libertação final. No paroxismo da crise, o povo de Deus se encontra mergulhado na angústia e no sofrimento, que é sinal de desfecho próximo. Como sabemos, nos oráculos proféticos, o *fim* é sempre iminente, de uma iminência psicológica que não deve ser confundida com a iminência temporal.

Então, o povo de Deus é salvo, não em sua totalidade material, mas para aqueles seus membros inscritos nos registros do céu (cf. Is 4,2-3). Os que estão ainda vivos entram assim no *mundo novo*. Mas, o que acontece com aqueles que já morreram e especialmente os mártires aos que o apocalipse precedente aludia (cf. Dn 11, 33.35)? Os livros santos já continham uma imagem que, para eles, podia ser tomada ao pé da letra: era o anúncio da ressurreição (cf. Ez 37,1-14; Is 26,19). Estes despertam, pois, para entrar na *vida eterna*, enquanto os outros, os inimigos de Deus e os apóstatas, naufragam na morte que é, para eles, *a abominação, o horror eterno* (cf. Is 66,24).

Sobre este tema dos que irão despertar, encontramos em data posterior a Daniel, uma Carta de Henoc, escrita provavelmente em ambiente essênio. Foi encontrada em seu origi-

<sup>14</sup> Cf. H. DE WIT, Brilharão os entendidos... O livro de Daniel: perseguição e resistência. Em *RI-BLA*, 35 / 36 (2000) p. 143.

nal, em Qumrã, paralelamente à versão grega já conhecida. Ultrapassando o curto texto de Dn 12,2-4, ela desenvolve o tema da salvação prometida aos justos, sem muito insistir no aspecto corporal da ressurreição (102,4-103,4).

Resulta fácil observar que a apresentação da recompensa dos justos está muito próxima daquela que o livro da Sabedoria 2-3 apresenta. O próprio autor desse livro não teria tido acesso à tradução grega da Carta de Henoc? É conveniente recordar aqui o Sl 3,12-16 que põe em paralelo a esperança dos justos e a desgraça dos pecadores, tema frequentemente tratado nos livros da Sabedoria. Mas aqui o final mostra claramente que o autor hauriu em Dn 12,1-4 o tema essencial da ressurreição.

Assim, os infernos – o clássico *Sheol* que representa o *lugar dos mortos* – tornaram-se o Inferno, definido como privação da *vida eterna*. Bem inversa é a sorte das *peessoas esclarecidas* (*maskilim* de Dn 11,33), ou aqueles que sabem discernir. Apenas eles entenderão os acontecimentos, o que significa que são os detentores do segredo divino; que *justificaram a multidão*, guiando-a até Deus (cf. Is 52,13; 53,11); fulguram como o firmamento e como as estrelas (cf. Dn 12,3). Tal é a suprema promessa do livro, promessa especialmente dirigida aos mártires da grande provação. Estes homens são os encarregados de ensinar a multidão. Daniel faz parte dos *maskilim*, ele é o instrutor da comunidade, depositário de um conhecimento esotérico, desempenhando, assim, um papel essencial na narrativa.

O 2º livro dos Macabeus, resumo da grande obra escrita por Jasão de Cirene, ecoa essa promessa, mostrando que os mártires aí encontraram a coragem necessária para morrer na fidelidade ao verdadeiro Deus (cf. 2Mc 7,9.11.14.23.29). A esperança da vida eterna com Deus, entrevista na oração de alguns salmos (cf. Sl 16,9-11; 49,16; 73,23-28), encontra assim plena firmeza, graças à leitura literal dos textos proféticos que evocavam a ressurreição dos mortos. Se aproximarmos esta promessa da evocação do julgamento divino que levava à perdição o poder do inimigo (cf. Dn 7,26), a *vida eterna* identifica-se com a imagem da *realza eterna* prometida ao *povo dos Santos do Altíssimo* (cf. 7,27). Esta doutrina tornar-se-á clássica em alguns círculos do judaísmo no tempo de Jesus.

Esta visão, situada imaginariamente nos tempos antigos, deve permanecer secreta até o dia em que as circunstâncias levarem a publicá-la, isto é, no tempo da perseguição e da mudança de situação, quando a *prática do culto puder ser* retomada no Templo purificado (cf. o final dos caps. 8 e 9).

Como vemos, a teologia de Daniel é apocalíptica. É uma resposta à pergunta sobre até quando durará a perseguição. A teologia apocalíptica com a qual nos encontramos é de resistência e popular, com grande força revolucionária. O livro não deixa de ser uma grande elaboração teológica da expectativa desesperada de que o tirano, finalmente, morreria e que os mártires seriam vingados; ou seja, estamos diante de uma teologia da esperança. Interessante que, numa linguagem histórica, na literatura bíblica pela primeira vez não se mencionam a teologia da aliança (o Êxodo e o Sinai) nem a entrada na Terra Prometida, nem as promessas feitas a Davi.

A construção do imaginário e a leitura que os perseguidos elaboram diante da conjuntura revelam ao mesmo tempo o seu jeito de viver e os seus projetos de esperança. A literatura apocalíptica de Daniel ironiza os projetos do poder, quebra a força das imagens de medo, da violência e da opressão e nos faz descobrir sonhos e projetos de esperança.

Para Richard Horsley, as visões apocalípticas trazem uma tríplice mensagem:

Deus, por estar em última análise no comando dos acontecimentos históricos, a) julgará os governantes opressores imperiais e/ou domésticos; b) restaurará ou renovará o povo que agora está sofrendo perseguição ou outras formas de opressão para uma vida livre sob sua própria soberania e a soberania de Deus (*reino de Deus*); c) vingará os que foram martirizados pela fé antes de julgar os opressores e libertar o povo.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> R. HORSLEY, Grupos judeus palestinos e seus messias na tardia época do segundo Templo. Em *Concilium* 245 (1993) p. 31.

Tal como os profetas no tempo do Exílio babilônico, o autor do livro de Daniel se empenha em transformar a angústia do povo em esperança; a perseguição, em vitória; o impasse, num caminho aberto ao futuro. Uma vez que o presente parece sem saída, ele se volta ao mesmo tempo para a memória do passado e em direção ao futuro prometido, para discernir nos acontecimentos um sentido oculto: o Deus do Êxodo e do retorno do Exílio não deixará seu povo desamparado. A mensagem do autor a seu povo é: as forças do mal podem retardar a evolução da história, mas não a farão malograr radicalmente. O poder dos impérios é terrível, mas quebrado como a estátua de pés de barro (cf. Dn 2,31-33). Eles espalham furor e destruição inchando-se de orgulho, mas vão desabar no exato momento em que se julgavam invencíveis.

Daniel denuncia o caráter desumanizador de toda tirania, ao mesmo tempo em que anuncia a decadência da dominação. Neste sentido, ele fala do fim da história, de um enqua-

dramamento dos poderes numa lógica irresistível de morte. A única história que ainda merece esse nome, aquela que pode fazer acontecer algo novo a partir do antigo, é a dos *justos* que permaneceram fiéis ao desígnio do Deus vivo. A esperança e a fidelidade do *povo dos santos* conservam o mundo aberto à transformação que pode sempre sobrevir.

Pessimista quanto ao poder político, o livro de Daniel não o é sobre o fim da história. Deus intervirá, sem que se saiba nem o momento nem o modo, para fazer chegar seu Reinado de justiça e de paz. O Altíssimo fixa o destino dos reis, desmascara a ignorância dos adivinhos (cf. Dn 2,27-28a), torna inofensivos os leões (cf. Dn 6,23) e as chamas de fornalha (cf. Dn 3,24). Sua glória manifestar-se-á com o julgamento final, com a vinda do Filho do homem e com a ressurreição pessoal dos justos. Os sofrimentos do povo e o martírio de seus santos encontrarão assim seu sentido e plenitude. A salvação de Deus sobrevém quando tudo parece perdido.

Destarte, podemos dizer que uma grande marca dos projetos de esperança que brotam na experiência e no imaginário das comunidades apocalípticas reside na ironia e sátira do poder; ironia capaz de derrubar grandes e poderosos domínios e capaz de produzir uma desconstrução das imagens do poder e levar à queda deste poder. E é na sátira que as comunidades revolucionárias, que resistem com coragem ao processo de invasão e aniquilação da cultura, encontram forças e descobrem que ao mesmo tempo são fracas e fortes. No imaginário e na construção da esperança, estas comunidades apocalípticas, peregrinam com confiança, na certeza da vitória e na derrocada dos tiranos e poderosos.

## 5. Uma certa conclusão

Ao longo deste exercício de leitura e interpretação de Dn 12,1-4 podemos perceber o significado e a importância da mensagem de Daniel para a comunidade judaica do século II a.C., e mesmo suas influências nas gerações posteriores. Diante da perseguição de um império totalitário e impiedoso, a literatura apocalíptica de Daniel alimenta a resistência pacífica e a espera de um tempo novo de justiça e paz, onde todos tenham vida em plenitude. De fato, a esperança, que sempre surge a partir de uma experiência de sofrimento, é uma das fortes marcas do texto de Daniel. E a expressão mais evidente disso é a crença na ressurreição.

Contudo, essa dimensão escatológica, comum nos textos apocalípticos, não significa, por sua vez, uma fé alienada, fora

da história. Ao contrário, implica na superação das contradições e desafios impostos pela vida e na luta por um mundo novo. O fim da opressão e a chegada de um novo tempo, com a implantação do Reinado de Deus, que transcende as limitadas estruturas humanas, acontecem na medida em que a comunidade, nutrida por este espírito que fecunda a morte e gera a vida, resiste até o fim. Realidade pascal!

Distantes, há cerca de dois mil anos, a história parece ser a mesma, apenas com outros personagens. Não temos um Antíoco IV, mas vivemos sob a dominação do mercado, do consumo, do dinheiro. Os poderosos de hoje, para satisfazerem os seus interesses e lucrarem cada vez mais, passam por cima de tudo e de todos. As barragens que se romperam em novembro passado, no município de Mariana-MG, destruindo, com a lama de dejetos de mineração, vários vilarejos e ecossistemas, é um exemplo claro disso. As empresas e as autoridades competentes têm tentado de toda maneira se eximir de suas responsabilidades e o povo, sempre vítima, fica à mercê dessa disputa suja e desumana pelo dinheiro. Há ainda outros gritos não ouvidos pelo centro do poder, vindo das atrocidades cometidas contra a natureza, os povos indígenas e os pobres trabalhadores no Alto Xingu, pela construção da Usina de Belo Monte.

Brasil afora a situação também não anda bem. Os conflitos político-econômico-religiosos no Oriente Médio têm elevado o número de mortos a cada dia. A migração para fugir da guerra na Síria tem preocupado a comunidade internacional, que por sua vez, tem feito muito pouco para resolver a questão. O Estado Islâmico ataca a França, e esta responde bombardeando a região onde atua o mesmo. Violência é respondida com mais violência. Sangue com sangue! Morte com morte! Até quando, Senhor?

Essa conjuntura, evidentemente muito mais complexa do que o exposto nesse espaço, nos interpela, hoje, a alimentar projetos de esperança e resistência. É preciso acreditar mais uma vez que os reinos desse mundo passam e que o Reinado de Deus virá e encherá de vida todo canto. A leitura de Daniel, nesse sentido pode ser uma grande ferramenta para tal. Oxalá, tenhamos a coragem de resistir fieis ao projeto de Deus que, em Jesus de Nazaré, quis garantir a vida plena para todos (cf. Jo 10,10)!